



Macroscópio

Por José Manuel Fernandes, Publisher

Boa noite!

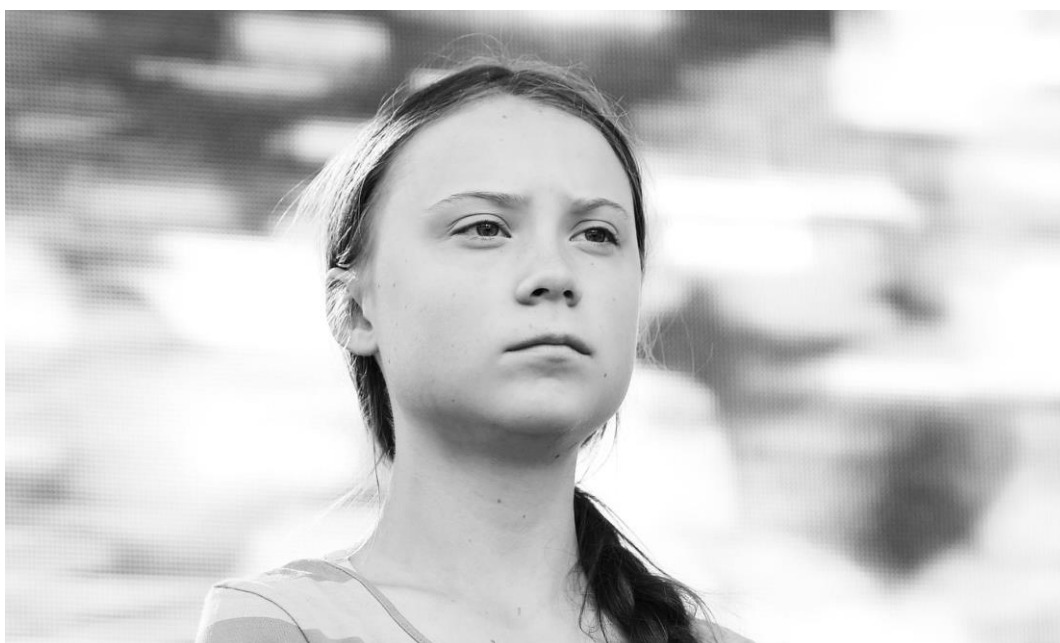


Portugal parece ser um lugar bastante tranquilo num mundo sacudido por incertezas. Vai haver governo em Espanha? Como vai terminar o processo de impeachment de Trump? Consegue Boris Johnson maioria absoluta nas eleições no Reino Unido? Estamos a viver apenas um “arrefecimento” da economia ou o prenúncio de uma crise? Isto é muito mais sendo que neste Macroscópio vos damos deixar algumas pistas sobre temas da actualidade, nuns casos para ajudar a pensar diferente, noutros para clarificar os termos do debate. Serão notas não muito longas:

Alemanha e o futuro de Merkel

Com o congresso da CDU reunido por estes dias e o do SPD logo a seguir,

está em causa o futuro da grande coligação de governa a Alemanha há 10 anos. Este é o último governo de Angela Merkel e começam a surgir vozes que defendem que a chanceler deve sair antes do fim do mandato. Um dessas vozes foi a de Timothy Garton Ash que, no Guardian, escreveu [Angela Merkel must go – for Germany’s sake, and for Europe’s](#). É um texto polémico cujos argumentos merecem ser considerados, nomeadamente: *“For 10 of the last 14 years, Merkel has presided over grand coalition governments, bringing together the centre-right Christian Democrats and the centre-left Social Democrats. This has given continuous stable government, but at a cost. Consensual centrism has not encouraged the robust political debate essential to a liberal democracy. Conservative Germans have long complained that “we have two social democratic parties”. This is a perfectly competent government for undemanding times, but with none of the ambition needed to face the giant challenges of today. Meanwhile, having both main parties in power together for so long has strengthened support for the extremes, on both left and right.”*



Os desafios das alterações climáticas

Os dois textos que se seguem são heterodoxos. E não, não são negacionistas – têm é um olhar crítico sobre aquilo a que chamam “climatismo”, isto é, o movimento político e mediático que se gerou em

torno da emergência climática.

O primeiro é de Josef Joffe, saiu na Commentary, chama-se [The Religion of Climatism](#), e defende a ideia de que há neste movimento mais componentes de fé do que de ciência. O texto é provocatório e estimulante pelos paralelos que estabelece, como este: *“Invoke the apocalypse, as in the Revelation of St. John (Revelation 13:13), where God will “make fire come down from the heavens.” Religion, pagan or monotheist, is shot through with cosmic angst attacks. The Deluge goes back to the Mesopotamian Gilgamesh epic (1800 b.c.e.). Sodom and Gomorrah are incinerated for their debaucheries. Egypt is punished with the Ten Plagues to force Pharaoh to “let my children go.” Hardly had they fled when God wanted to slay them all for praying to the Golden Calf. In a brilliant plea, Israel’s greatest prophet, Moses, manages to stave off extinction. God reduced the death sentence to 40 years of wandering in the wilderness. Today, the harbingers of doom are armed with assumptions, models, and data. Melting ice will raise sea levels, swallowing coasts and islands. What the floods spare will be devastated by droughts or hurricanes. The most recent sign from up high is the darkened skies over the Amazon’s rain forests, the “lungs of the world,” which presages collective death by asphyxiation. For the first iteration of this threat, one need only go back to Revelation 6:13: “The sun became black, and the whole moon became as blood.”* Só que, nota o autor, esta aproximação “religiosa” pode funcionar para mobilizar as pessoas mas tem um problema: *“Karl Popper had an incontrovertible point: Science is never a closed book. Only one thing is for sure. Faith, as Martin Luther preached, is a “mighty fortress.” Unflinching certainty locks out relentless inquiry—which goes for both sides.”*

Ilustrando porventura as consequências deste tipo de abordagem, Bjørn Lomborg critica, em [Humans Can Survive Underwater](#), um texto difundido pelo Project Syndicate, a forma como o New York Times apresentou um relatório científico sobre as zonas do mundo que ficariam abaixo do nível da maré alta em 2050. Eis a sua argumentação: *“The media have used this to create a dystopian vision of 2050.*

The Times published a [terrifying map](#) showing that southern Vietnam will “all but disappear” because it will be “underwater at high tide.” The Times told readers, “More than 20 million people in Vietnam, almost one-quarter of the population, live on land that will be inundated.” And it warned of similar effects around the world. What the media neglected to mention is that the situation in southern Vietnam today is [almost identical](#) to the projected situation in 2050. People in the Mekong River Delta [literally live on the water](#). The area has been inhabited for generations because it is incredibly fertile, and over time, people have protected land with dikes. In southern Vietnam’s An Giang province, almost all non-mountainous land is [safeguarded in this way](#). In fact, it is “underwater” in the same way that [much of Holland](#) is: there, large areas of land, including Schiphol, one of the world’s busiest airports, are below sea level at high tide. In London, almost a million people live below the high-tide mark. But nobody in Holland, London, or the Mekong River Delta needs scuba gear to get around, because humanity has adapted with infrastructure that provides flood protection.”



O que é que se passa na América Latina, e na Bolívia em particular?

Nas últimas semanas manifestações populares obrigaram o governo do

Equador a recuar num conjunto de medidas económicas, o Chile que era visto como um oásis de tranquilidade foi sacudido por distúrbios de norte a sul e a Bolívia mergulhou numa espécie de guerra civil de baixa intensidade. Estes dois últimos conflitos foram abordados com algum detalhe no último Conversas à Quinta do Observador, o meu programa com Jaime Gama e Jaime Nogueira Pinto, [O que quer o povo nas ruas da América Latina?](#) (os podcast podem ser descarregados aqui: [iTunes](#), [Spotify](#) e [Google](#)), mas a situação que merece uma análise mais detalhada é a da Bolívia, pelo que vos deixo três referências:

- [What Really Happened in Bolivia?](#) é uma análise do antigo ministro do Negócios Estrangeiros do México Jorge G. Castañeda publicado pelo Project Syndicate onde se discute se o afastamento de Evo Morales foi ou não um golpe, concluindo que este processo nada teve a ver com o típico putchismo latino-americano: *“When dictators assume power through electoral means, and then hold onto it through other methods, eliciting demands for their departure by students, unions, women, and indigenous peoples – like in Ecuador, just weeks ago – matters are no longer as clear-cut as they seemed decades ago. Morales’s fall was brought about by a complex combination of factors, only one of which was the military’s call for him to step aside. Transforming him into a modern-day Allende who survived because he fled may be good propaganda for the radical left in Mexico, New York, and Bolivia, but it does not correspond to realities on the ground.”*



- [The Rise and Fall of Evo Morales](#), de Jim Shultz no New York Review of Books, é uma descrição dos últimos anos da Bolívia por alguém que lá vive e procura manter equidistância relativamente às partes em conflito: *“Morales was always a double-sided coin. On the one side, he was unquestionably a man of charisma. At a party a few weeks before his first election, he so charmed my toddler daughter that she asked him to dance. And there was never any question that he had a deep and genuine concern for the poor. But he also possessed an authoritarian streak that made even close allies nervous. In the run-up to the 2005 election that brought him and his Movimiento al Socialismo (MAS) party to power, I sat in on a series of meetings with leftist social movement leaders from around the country who debated what they called “their Evo problem.” He was positioned to become the first serious candidate of the left in decades—and what already worried them was their personal experiences of how he handled power.”*
- [Bolivia, partida en dos](#), de Fernando Molina, Francesco Manetto e Javier Lafuente, do El País, é uma análise mais jornalística da situação que hoje se vive no terreno e como chegámos à actual clivagem radical: *“Bolivia vive una especie de guerra civil de baja intensidad y, como es de uso, cada facción lleva su propia bandera”, afirma Stefanoni. Y [el uso que el expresidente hizo del racismo](#) tuvo una especie de efecto bumerán. Loayza sitúa en el centro de esa disputa a “los ningunos”. Es decir, los bolivianos que no pertenecen a ninguna etnia originaria, son castellanohablantes y viven una vida urbana moderna. Antes de Morales, según su análisis, “no tenían una clara identidad étnica, comenzaron a adquirirla a partir del discurso masista, que no solo no los incluía, sino que los acusaba de ser racistas, haber explotado a los indígenas por 500 años y haber robado el dinero del país”. “Se sintieron segregados”. En opinión de este académico, esta sensación explica la fuerza, la radicalidad y la persistencia de la movilización de unas clases que los sociólogos siempre han considerado “volubles e indecisas”. “Lo que hemos visto fue un enorme movimiento de reivindicación, en el que*

los ningunos reclamaron un espacio en el país, un espacio que sintieron, con razón o sin ella, que el MAS les había quitado”, concluye Loayza.”



E agora uma nota para os fãs de The Crown

Não sei quantos leitores desta newsletter seguem The Crown, a série da Netflix cuja terceira temporada estreou no passado domingo. Eu sigo e, de uma forma geral, considerava que ela dava da família real uma imagem real e, no essencial, favorável. Mas eis senão quando tropeço num artigo da Spectator onde se defende não exactamente o contrário, mas quase, já que se descrevem erros factuais das duas primeiras temporadas e se atribuem esses erros às alegadas simpatias republicanas do argumentista. Não sei se essas simpatias existem, mas os erros factuais parecem indesmentíveis, pelo que recomendo a leitura de The Queen, and indeed the British public, deserves better than The Crown's lies, William Shawcross, onde se defende que *“Netflix's popular TV series takes constant liberties with history, as it does with people, and yet it is accepted as fact”*. Para sustentar este argumento escreve-se que *“The best analysis of the truths and lies in The Crown is given by the distinguished royal historian Hugo Vickers in his excellent short books, The Crown: Truth and Fiction and The Crown Dissected. He shows that*

mistakes and hurtful falsehoods are legion. ‘I do not approve of The Crown,’ he writes, ‘because it depicts real people in situations which are partly true and partly false; but unfortunately most viewers take it all as gospel truth.’” Shawcross defende que poucas ou nenhuma famílias suportariam uma invasão semelhante da sua privacidade e faz uma defesa apaixonada do legado de Isabel II: “The Queen is among the greatest monarchs we have ever had. She has given her life to serving this rapidly changing country for almost all of her 93 years. In poll after poll, the vast majority of the British people consistently support the monarchy. They seem to understand their good fortune in not having had revolving-door presidents for the past 70 years but one real Queen, inspired by a lifelong sense of decency, common sense, love of country and Christian duty.”

Bem, com ou sem total fidelidade à verdade histórica, a verdade é que planeio terminar este fim de semana de ver os episódios que ainda não vi desta terceira temporada. E a recomendá-la. Sobretudo considerando o vento e a chuva que se anunciam. Tenham bom descanso, boas leituras e... boas séries.

Siga-me no [Facebook](#), [Twitter \(@JMF1957\)](#) e [Instagram \(jmf1957\)](#)

Mais pessoas vão gostar da Macroscópio. Partilhe:

[no Facebook](#) [no Twitter](#) [por e-mail](#)

Leia as últimas

[em observador.pt](#)

OBSERVADOR Eleito melhor jornal generalista 2018

©2019 Observador On Time, S.A.

Rua João Saraiva, n. 7, Lisboa